

## **A INAUGURAÇÃO DA MODERNIDADE PELA VIOLÊNCIA: CRÍTICA À NOÇÃO DE MODERNIDADE EM BENJAMIN A PARTIR DA FISSURA COLONIAL**

*Demetrius Antonio Prysthon Chesman*

*Guilbert Kallyan da Silva Araújo*

### **RESUMO**

A noção de modernidade abarcada por Benjamin dispõe de uma apreensão que abarca o processo de desenvolvimento socioeconômico mediado pelo motor histórico da luta de classes, acentuando a especificidade da consolidação das cidades como responsivas ao modelo capitalista. O modelo burguês inaugura um modo de ser e existir responsivo ao esquema corporal inaugurado no seio europeu, do sujeito da razão, com as cidades sendo marcadas pela divisão de classes que estruturam, no espaço físico, a hierarquia social e, conseqüentemente, racial. Entretanto, ao não colocar a violência do colonialismo na centralidade do debate, o autor deixa de considerar as especificidades que o racismo engendra para com a população negra. Defendemos, portanto, que a noção de modernidade em Benjamin é defasada quanto à apreensão da dimensão colonial, na qual a noção de Fissura Colonial suplantaria a lacuna deixada pelo autor, permitindo uma compreensão mais aprofundada da modernidade, habilitando uma apreensão do esquema corporal humano que considera o processo de racialização como central.

**Palavras-chave:** Modernidade. Colonialismo. Fissura Colonial. Racismo. Racialização

### ***THE INAUGURATION OF MODERNITY THROUGH VIOLENCE: CRITICISM OF BENJAMIN'S NOTION OF MODERNITY FROM THE COLONIAL FISSURE***

#### **ABSTRACT**

*The notion of modernity encompassed by Benjamin has an apprehension that encompasses the process of socioeconomic development mediated by the historical engine of class struggle, emphasizing the specificity of the consolidation of cities as responsive to the capitalist model. The bourgeois model inaugurates a way of being and existing responsive to the body scheme inaugurated within Europe, of the subject of reason, with cities being marked by the division of classes that structure the social and, consequently, racial hierarchy in the physical space. However, by not placing the violence of colonialism at the center of the debate, the author fails to consider the specificities that racism engenders towards the black population. We argue, therefore, that the notion of modernity in Benjamin is outdated regarding the apprehension of the colonial dimension, where the notion of Colonial Fissure would supplant the gap left by the author, allowing a deeper understanding of modernity, enabling an apprehension of the human body scheme that he considers the process of racialization as central.*

**Keywords:** *Modernity. Colonialism. Colonial Fissure. Racism. Racialization.*

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

## **Introdução**

Os estudos de Walter Benjamin são centrais e incontornáveis para toda e qualquer análise séria que se disponha a pensar a modernidade, especialmente em termos de apreensão do processo de consolidação da realidade como operacionalizada, dentro da sociedade ocidental, através do desenvolvimento do capitalismo moderno e suas variadas consequências. Dentre tais, uma que se destaca é a forma como a modernidade instaura uma nova forma não apenas de ser e de existir, mas também de se viver e de morar, cujo modo e modelo de produção e estabelecimento das cidades seria responsivo ao modelo produtivo vigente.

O modelo burguês de ser que se inaugura com o advento da razão enquanto força motriz central da humanidade que se diferencia da animalidade que a circunda, trouxe consigo, na forma e formatação do esquema corporal de humano reivindicado no seio da Europa, uma ótica de diferenciação na qual o marcador epidérmico se sobressai enquanto determinante de diferenciação, de modo que as cidades se deram enquanto expressões físicas da diferenciação consequente do colonialismo.

Entretanto, uma questão que fica em suspenso na obra de Walter Benjamin diz respeito às implicações tanto do modelo de consolidação das cidades quanto da forma como o colonialismo engendra na subjetividade humana complexos de diferenciação que justificaram, por séculos, a exploração do homem pelo homem através da negação de uns ao direito de ser humano na exata medida em que, para outros, era delegado o lugar de humano universal. Neste trabalho, vertemos olhar para uma questão em aberto na obra de Benjamin, uma crítica à modernidade pensada à sombra do colonialismo, tanto em sua consolidação quanto em sua implicação prática, no esquema corporal de humano.

### **1 A Modernidade em Walter Benjamin**

As grandes cidades estruturadas no modo de vida urbano é a representação concreta da acepção dos indivíduos na modernidade. No fim da idade média, nos séculos XV–XVI, o surgimento das grandes cidades na Europa se deu pelo processo de desapropriação violenta da terra do povo camponês que gerou uma grande massa

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

de indivíduos, na qual a única forma de sobrevivência seria a venda da sua força de trabalho. Para tal, se fez necessário o deslocamento desses sujeitos para os grandes centros comerciais, onde buscavam oportunidade de trabalhar nas indústrias manufatureiras.

No mesmo período, a estruturação do colonialismo sobre os povos africanos e ameríndios mobilizou, em torno de si, um conjunto de mecanismos de poder para manutenção da acumulação do capital nas metrópoles europeias, o que levou para o desenvolvimento das forças produtivas que culminaram na efetivação do capitalismo em sua fase industrial no século XVIII. Esse processo foi ancorado na construção de um complexo ideológico necessário à legitimação da violência colonial; é o que conhecemos como modernidade.

A Modernidade como fim último se escreve como a construção de uma história unilinear, cujo fim em si mesma seria o europeu como ideal de humanidade, relegando ao conjunto de povos e saberes outros que não os ocidentais a condição de subalternidade e subdesenvolvimento no caminhar do desenvolvimento último que seria a própria Europa. Se a modernidade caminha em linha reta ao modelo ideal de sociedade, isso quer dizer que alguém construiu esse modelo de desenvolvimento ideal. A história escrita pelos historicistas como métrica legitimadora desse ideal eurocêntrico é a história dos vencedores, a qual Walter Benjamin combateu veementemente em suas teses sobre o conceito de história:

[...] se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. (BENJAMIN, 1940, tese 7).

O esquema corporal da Razão branca, fundado no pleno gozo desta no sujeito branco-europeu em oposição e negação desta no corpo negro-colonizado, é o reflexo da escrita da história no mito criado pelo historicismo, no qual a Razão é o despojo dos vencedores sobre os vencidos. Sendo o Negro-colonizado o corpo enclausurado ao estado de natureza, em contradição à Razão iluminada que só pode ser alcançada na realização do homem branco enquanto sujeito moderno, sempre em busca do

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

progresso da humanidade, no qual a própria definição de humano universal é o próprio homem-branco-europeu.

No século XVIII, com desenvolvimento das forças produtivas e a aplicação das máquinas nas indústrias, esse processo toma ainda mais força, criando os grandes centros industriais para qual a cidade seria pensada e remodelada como sua extensão, por fim último de agregar a essa força de trabalho, fornecendo o recurso humano necessário à produção do capital. Nesse momento, o sujeito não só apreende sua força de trabalho na produção da mercadoria, mas passa ele mesmo por um processo de automação para a melhor adaptação ao novo maquinário industrial (D'ANGELO, 2004).

Em conjunto ao desenvolvimento técnico na reprodução do capital, justificada nos discursos historicistas pela superioridade europeia no emprego da razão enquanto avanço técnico-científico; no campo político, esse avanço se justificaria a partir da França, onde aconteceram dois eventos que findariam a crise do absolutismo e colocariam a última pá de areia no túmulo dos antigos aristocratas. O primeiro, no ano de 1871, a Comuna de Paris, inspirados pelos socialistas utópicos, eclodiria uma primeira experiência de governo popular formado por operários; o segundo, a Revolução Francesa no ano 1879, inspirada pelas ideologias iluministas, efetivou, através da revolta popular contra o absolutismo, a hegemonia dos ideais burgueses, fazendo ecoar suas ideias liberais até mesmo nas colônias europeias nas Américas. Esse último evento, levou a França a ser um grande marco da modernidade.

Grandes pensadores passaram, então, a analisar a história francesa na busca de entender esses fenômenos. Com o filósofo alemão não seria diferente. Ao refletir sobre a Modernidade, Walter Benjamin, no seu texto *Paris, a capital do século XIX*, busca apreender esse fenômeno através de suas implicações no modo de vida da classe subalterna parisiense e sua forma de viver a cidade, traçando uma narrativa histórica sobre o processo de construção dos espaços públicos, mantendo um diálogo crítico com a concepção de modernidade de Charles Baudelaire e analisando as políticas elitistas de urbanização de Hesseman, legitimada na formação dessa Paris

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

moderna, que seria referência ao planejamento das grandes cidades pelo mundo (BENJAMIN, 1982).

É justamente nas ruas de Paris, onde Benjamin encontra sua definição de herói moderno. Está voltada a figura do herói na antiguidade helênica, no qual o autor constrói esse heroísmo na modernidade através do poeta, que se destaca das multidões dos marginais, ao mesmo tempo que lhe faz parte; o grande diferencial do poeta seria o seu papel de escritor da realidade de sua época (BENJAMIN, 1975).

O herói moderno (o poeta) descreve sua ótica da cidade através dos excluídos — o *flâneur*, a prostituta, o trapeiro, o proletariado etc. E renega a venda da sua arte às investidas do modo (ou da moda) de vida do burguês, por mais que costure suas roupas a retalhos (BENJAMIN, 1975). É justamente nessa massa dos desvairados, que transita o poeta, que se encontra a resistência à cidade na sua formatação moderna, a narrativa dos vencidos, dos subalternizados na construção da história. Essa é a única forma de fazer jus ao passado e os corpos sobre o qual a história dos vencedores se sustenta. Cabe, então, ao materialismo histórico desvelar o véu que encobre o mito da Modernidade, enxugando-a a contrapelo (BENJAMIN, 1940).

Nesse ponto, inicia nosso processo de ruptura. A história a contrapelo que Benjamin evoca pode ser um caminho para uma contra-história da modernidade. Sua crítica à noção de progresso e a história dos vencedores nos indica um caminho, mas não nos guia ao cerne central da ferida colonial como principal elemento fundante da concepção de Modernidade dos europeus. Aqui, a resistência não faz apenas os miseráveis da Paris do século XIX, mas aqueles que nas colônias forjaram, a partir do uso da violência, sobre seus corpos os ferros da Torre Eiffel.

Concordarmos que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1940, tese 5), mas essas reminiscências não habitam o submundo da Paris. “Os corpos dos que estão prostrados no chão” (BENJAMIN, 1940, tese 7). Desde os porões dos navios negreiros aos becos e vielas das grandes cidades contemporâneas ainda são os corpos negros.

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

## **2 A questão Colonial**

Nosso ponto de inflexão, entretanto, diz respeito a uma dimensão de consolidação da realidade a qual Benjamin não aprofunda como condição *sine qua non* da sociedade capitalista moderna: se, por um lado, ele considera o colonialismo e sua atualidade enquanto disposição de real, a colonialidade, como estruturante das cidades, este não verte especial atenção para as implicações nos indivíduos diferenciados, a saber, aqueles que são colonizados nas mentes e nos corpos, os negros e negras; a atualidade do colonialismo se faz numa fissura da subjetividade negra.

As cidades europeias, tanto na sua disposição territorial quanto em sua forma de ocupação enquanto usos e desusos, plasmam na concretude dos processos históricos de diferenciação e favorecimento das classes ricas em detrimento das camadas populares; tal lógica de diferenciação traz consigo uma formatação de realidade na qual o espaço físico se dá como um mecanismo de exclusão de saberes e formas outras de ser e existir que fogem ao modelo imposto como padrão de bom, belo e moral, ou melhor, o modelo consolidado violentamente como aquele que pode ser visto e tratado como humano, o branco europeu (FANON, 2020b).

Se, por um lado, temos a noção de modernidade em Benjamin como sendo de um moderno que se inaugura com a aquisição do humano, através da modificação da natureza pela sua ação, de um estado de arte da razão que edifica os sujeitos num pretense esquema corporal, circunscrito pela razão de tal modo que o moderno seria justamente o fazer para com o real no modificá-lo na direção de um lugar outro, conduzindo a história a um fim em si mesmo que, ao final, teria no europeu a sua expressão máxima do que é humano, sendo este o único verdadeiramente moderno.

É curioso pensar, como bem apresenta Césaire (2020), que uma civilização que se mostra incapaz de resolver seus problemas, tanto de funcionamento quanto de estruturação, é uma que não o é senão uma civilização decadente, adocida e moribunda; por mais que a península europeia se reivindicue como centro de regulação da noção de humano ao ponto de reivindicar para si o esquema corporal

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

universalizante do vir a ser um humano, é justamente em seu seio que se apresenta a contradição que faz desta não só um antro de preconceito, como também de hipocrisias. Por mais que se coloquem como a referência universal, a verdade é que

[...] a chamada civilização “europeia”, civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de governo burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas aos quais sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial. Levada ao tribunal da “razão” e ao tribunal da “consciência”, a Europa se mostra impotente para justificar-se. Cada vez mais, se refugia na hipocrisia, tanto mais odiosa por ter cada vez menos chances de enganar. A Europa é indefensável. (CÉSAIRE, 2020, p.9).

A pretensão de ser modelo de qualquer coisa positiva que seja, esbarra na contraprova do real que mostra, a cada momento, que a Europa é não só a terra da ilusão que se pretende racional, como o europeu é um ser arrogante que, embebido do pretense lugar de humano, se pontua com uma superioridade de tal forma que busca, através da força e da violência, engendrar no outro um lugar de inferioridade. O processo de colonização capitaneado pelas potências europeias foi justificado, sobretudo, por um projeto de consolidação pela força de um modelo de humanidade que se percebia como tal na medida em que inumanizava outras populações. Se em Césaire temos que a equação das relações humanas era da ordem da *colonização = coisificação*<sup>1</sup>, na qual o sujeito colonizado seria apenas um corpo produto para produção, sem qualquer capacidade de adentrar no esquema corporal imposto pelo branco como único possível de se fazer como um humano. É com Fanon que aprofundamos as noções de diferenciação que operacionalizam a modernidade.

A primeira e, possivelmente, a mais notável dentre estas diz respeito ao processo de hierarquização de base epidérmica que destituiu o negro do lugar de humano, deixando aberta uma querela na pele na forma de uma ferida colonial

---

<sup>1</sup> Ao aproximar o negro de um lugar de diferenciação inumanizada, ancorada num pretense lugar de inferioridade, seu corpo não assumiria a função de sujeito, a ponto de ser um indivíduo dotado de capacidades próprias de pensamento e abstração, sendo expulso do esquema corporal de humano que o europeu pontuou como único possível para se ser um ser humano, o sujeito da razão. Dessa forma, o *homo-negrus* jamais poderia ser *homo-sapiens*, mas sempre seria uma mercadoria, ao mesmo passo que era força produtiva e, também, produção. Sendo tal, as suas dimensões de corpo não eram circunscritas enquanto um Homem, mas sim, como uma Coisa. A coisificação é, sobretudo, o processo no qual o lugar de Eu dado ao Negro é delimitado pelo seu corpo na cadeia produtiva.

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

(JESUS, 2022), de modo que a reivindicação do pretense lugar de superior do Branco engendrou, de forma consequente, um triplo processo no Negro.

O primeiro deles diz respeito a uma fantasia. Sendo a raça uma invenção branca (FANON, 2020b) que, para diferenciar o Negro como um ser inferior, buscou para si um lugar virtuoso que pudesse ser visualizado em sua pele, de esta ser um operador ontológico de diferenciação epidérmica, a qual foi utilizada como fundamento de diferenciação, a fantasia do Branco é justamente a da imposição, através da força mediante o colonialismo, de um modelo de sujeito que seria impossível ao Negro atingir. A brancura, portanto, seria a régua de matiz de humano, na qual os que cabiam dentro podiam, literalmente, usar quem estava fora ao seu bel-prazer, pois estavam legitimados por um sistema que, dentre outras coisas, dizia que o branco era o dono da lei, da ordem e da verdade (FANON, 2022). A brancura, assim, seria justamente a faceta aparente do operador ontológico, a saber, a brancura diz respeito à marca visível, a racialidade enquanto marcador de diferença.

Se a Raça é o operador e a racialidade a matiz de traços que compõe uma determinada raça, a racialização seria o componente sociológico de subjetivação e operacionalização social quanto aos indivíduos, a saber, a branquitude, enquanto sistema de referência e manutenção de poder, num pretense lugar de superioridade (BENTO, 2022) e a negritude, enquanto sistema de reivindicação dos traços de negrura, num lugar possível de serem não só realizados em si como também positivados, configurando uma contrapartida política (MUNANGA, 2019) frente ao sistema de referência branca.

Temos, desta forma, um aprofundamento quanto às consequências do colonialismo no tocante ao sujeito, pois se é o branco quem não só inventa o negro como um diferenciado na inferioridade, ele também estabelece a consolidação da fantasia através da realidade concreta da violência do fuzil na figura do colonialismo que, ao ser encerrado enquanto sistema legal, adota uma nova formatação na modernidade pelas feridas abertas que deixou em nossas peles. Uma diferenciação entre raça, racialidade e racialização se demandou necessária para que

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)



aprofundemos o segundo processo, da ordem da imposição de um pretense complexo de inferioridade do Negro frente ao Branco (FANON, 2020b).

A apresentação do modelo de humano, idealizado na figura de uma raça específica, que plasma em seu corpo, sustentada por um sistema de racialização, os traços da racialidade ideal engendra, de forma consequente, uma imposição a quem está no lugar de diferença para que se torne, no limite, humano tal qual o outro para se fazer como um Eu a ponto de ser sujeito; entretanto, ao impor um modelo de sujeito impossível de ser realizado no corpo, o Branco imputa no Negro, através da violência, uma condição subjetiva (FANON, 2020a) de duplo processo, na qual a brancura seria vista como um lugar objetivante do humano, na exata medida que a negrura seria coisificada como inumana; tal duplicidade de relação demanda, objetivamente, o estabelecimento de uma ideologia racial de inferioridade negra que seria responsiva à superioridade branca (FANON, 2020b), sendo nutrida pelo sistema colonial (FANON, 2021) ao mesmo tempo que é imposta pela organização tanto social quanto subjetiva dos negros (FANON, 2022).

O terceiro e último ponto de consequência, diz respeito justamente ao projeto de modernidade do qual Benjamin não incidiu de forma objetiva e direta, apenas perpassando por esta, a saber, o racismo enquanto projeto de modernidade gerado pelo colonialismo. Sendo o sistema de referência na brancura a consolidação ideológica, política e econômica, que plasma na subjetividade negra o seu projeto de humano, tal sistematização diz respeito a um operador de diferença enquanto mantenedor da realidade, o racismo antinegro (JESUS, 2022). O Negro, assimilado na brancura, é justamente o projeto mais bem acabado de humano que o colonialismo conseguiu produzir, pois é justamente em seu corpo que a noção de sujeito cindido (FANON, 2020a; 2022; JESUS, 2022) pelo colonialismo toma contornos de concretude na carne.

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

## **CONCLUSÃO**

Concluimos, portanto, que a dimensão do corpo, a qual discorreremos nesse trabalho, não foi suficientemente abarcada por Benjamin ao dispor sobre a noção de modernidade quanto à luz da estruturação e consolidação dos modos de ser e existir nas cidades modernas. O projeto de modernidade, tal qual apresentado por ele, possuía uma falha quanto à captação da dimensão da violência do colonialismo, tanto para a realidade concreta quanto, e principalmente, para os sujeitos. Apesar de suas teses combaterem um modelo teleológico da história, ainda deixou de fora a dimensão racial como central para pensarmos tanto a noção de humano quanto de realidade.

Em nosso trabalho apresentamos, portanto, as consequências que o projeto colonial teve para com a população negra, mas não apenas esta, pois o processo de diferenciação racial implica, necessariamente, uma condição de sujeito que instaura uma divisão hierárquica entre humanos possíveis e mercadorias com corpos humanos, cuja humanidade, nos termos estabelecidos pela europeidade, não seria realizada. A fissura colonial instaurada na inauguração da modernidade deixou querelas ainda sensíveis, tanto no processo de subjetivação e racialização quanto na concretude econômica e urbanística da sociedade capitalista.

Se a Europa é indefensável, um projeto de modernidade que desconsidere a dimensão da violência de assimilação à europeidade através do colonialismo em seu bojo é, sobretudo, incompleta e equívoca. Com este trabalho abrimos a discussão para colocar a modernidade a contra pelo, dessa vez crespado e ensanguentado de vermelho e preto.

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiro, 1975. BENJAMIN, Walter. die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts. *In*\_\_: -. **Gesammelte Schriften**. V. Paris V, t. 1. Org. por Rolf Tiedemann. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1982. p.45-59.
- BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história**. [s.l.: s.n.], 1940. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2341769>. Acesso em: 06 ago. 2022.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Cultura e Sociedade**: Estud. av., São Paulo, v. 20, n. 56, p. 237-250, abr. 2006.
- FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2020a.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.
- FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**: textos políticos. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.
- JESUS, Alexandro Silva de. **Notas sobre a atualidade da ferida colonial**. Recife: Titivillus, 2022.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife, e-mail:

[demetrius.prysthon@gmail.com](mailto:demetrius.prysthon@gmail.com)

Mestrando em Filosofia e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Brasileiro, residente no Recife – PE, e-mail: [guilbertkallyan@gmail.com](mailto:guilbertkallyan@gmail.com)